



REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

A quem interessa pensar a performance? Arte, política e educação em foco

Matheus dos Anjos Margueritte

Para citar esta resenha:

MARGUERITTE, Matheus dos Anjos. A quem interessa pensar a performance? Arte, política e educação em foco. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 3, n. 52, set. 2024.

 DOI: 10.5965/1414573103522024e0801

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



Resenha da obra

Sobre TAYLOR, Diana. *Performance*. São Paulo: Perspectiva, 2023. 200 p.
ISBN 978-65-5505-155-1



A quem interessa pensar a performance? Arte, política e educação em foco¹

Matheus dos Anjos Margueritte²

Resumo

Trata-se de uma resenha crítica do livro *Performance*, de autoria de Diana Taylor, pesquisadora norte-americana reconhecida pelos seus estudos na área da Performance em diálogo com questões latino-americanas. Com tradução e apresentação de Leda Maria Martins, a obra é dividida em nove capítulos que configuram um panorama das principais discussões sobre o tema, incluindo perspectivas dissonantes entre si. Embora a análise da autora resida sumariamente nos campos da Arte e da Política, esta resenha aponta para possíveis articulações entre estes campos e a área da Educação, sobretudo a partir dos estudos de Paulo Freire.

Palavras-chave: Performance. Arte. Política. Educação.

Who cares about performance? Art, politics and education in focus

Abstract

This is a critical review of the book *Performance* by Diana Taylor, a North-American researcher well-known for her studies in Performance in dialogue with Latin American issues. Translated and introduced by Leda Maria Martins, the book is divided into nine chapters and provides an overview of the main discussions related to the topic, including dissonant views about it. Although the author's analysis is summarily situated in the fields of Art and Politics, this review points to possible articulations between such fields and Education, drawing mainly from Paulo Freire's studies.

Keywords: Performance. Art. Politics. Education.



¿A quién le importa la Performance? Arte, política y educación en foco

Resumen

Esta es una reseña crítica del libro *Performance* escrito por Diana Taylor, investigadora estadounidense reconocida por sus estudios en el área de Performance en diálogo con problemáticas latinoamericanas. Traducido y presentado por Leda Maria Martins, el trabajo se divide en 9 capítulos que brindan una visión general de las principales discusiones sobre el tema, incluidas perspectivas contradictorias. Si bien el análisis del autor se sitúa sumariamente en los campos del Arte y la Política, esta revisión propone articulaciones entre esos enfoques y el área de la Educación, especialmente a partir de los estudios de Paulo Freire.

Palabras clave: Performance. Arte. Política. Educación.

¹ Revisão ortográfica, gramatical e contextual do artigo realizada por Luzia Araújo. Doutorado e Mestrado em Linguística Aplicada-Tradução pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduação em Letras Português-Inglês pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

 entrelinhas.edit@gmail.com  <http://lattes.cnpq.br/7294535946791003>

² Doutorando em Educação na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Educação pela UFPR. Bacharel e Licenciado em Dança pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

 margueritte.bio@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0003-3596-3264>

Pensar a Performance em seus diferentes sentidos e significados têm sido um desafio instigante para quem deseja se aventurar em terrenos movediços e, muitas vezes, contraditórios de construção de saber(es). Como um rio com muitos afluentes, as discussões sobre/de/da Performance desaguam em diferentes áreas do conhecimento e criam ecossistemas complexos para analisar a nossa relação com o mundo que nos cerca.

Diana Taylor, em sua obra mais recente – *Performance* (2023) – convida-nos, justamente, a mergulhar nessa correnteza, cujas águas oscilam entre o cristalino e o turvo, o tranquilo e o agitado, o raso e o profundo e os mais infinitos espectros que esses cruzamentos podem (re)criar.

Ao longo de 200 páginas, Taylor não apenas discorre sobre Performance, mas exercita a premissa de que “quebrar normas é a norma da performance” (Taylor, 2023, p.77). De maneira ousada, a autora rompe com estruturas de texto, que cristalizam e distanciam seus interlocutores, e refloresta seus escritos a partir da presença de artistas latino-americanos, seja por meio de seus relatos ou por meio de imagens que ampliam aquilo que nem sempre a palavra escrita dá conta.

Ainda na seara do escrever, há de se destacar o posicionamento que a pesquisadora assume: é de seu interesse dar ênfase a certas reflexões e, para tal, romper com aquilo que se espera de um texto acadêmico – normas. Taylor vivencia sua escrita pelas lentes da Performance e se nutre de letras garrafais, fontes gráficas e tipográficas diversificadas, cria recortes entre imagens e palavras, subverte as diagramações convencionais e, ao fazer isso, mobiliza não somente conceitos, mas também nossos corpos.

Nesse sentido, a autora abre o seu livro com o capítulo “Enquadramento [Performance]”, título que, para alguns estudiosos da área, poderia soar de maneira pretensiosa, uma vez que a Performance parece obstinada a escapar de definições rígidas. Contudo, concordo com Taylor sobre a necessidade de mapear os diferentes rumos que esses estudos têm tomado, desde sua origem na década de 1960 até o presente momento, sobretudo para que não haja o esvaziamento dos possíveis sentidos que o termo “Performance” pode assumir.

Assim, o capítulo de abertura configura-se como um diálogo entre diferentes vozes e perspectivas, de modo a reunir as principais discussões sobre o tema, incluindo as vivências de artistas latinos, assim como as ideias de Richard Schechner e Judith Butler, que estão localizados nos campos da teatralidade e da linguagem, respectivamente.

Em suma, a autora aponta que a Performance implica um *fazer* ou um *feito* ou um *refazer*, que necessita de uma relação entre performer e público e, por esse motivo, é “[...] radicalmente instável e dependente de seu enquadramento” (Taylor, 2023, p.57), isto é, requer uma contextualização, podendo assumir outros significados a depender de seus interlocutores. Taylor ainda propõe que, para além de definir o que é performance ou analisar os fenômenos sociais *como* performance, ou seja, como ferramenta metodológica, a Performance precisa ser encarada como um modo de ser/estar no mundo e, portanto, como construtora de saberes próprios – uma epistemologia.

Para fundamentar a sua teoria, os capítulos seguintes – “Histórias de Performance”, “Espect-Atores” e “Os novos usos da Performance” – vão reunir relatos de artistas e suas percepções, tanto sobre a relação de seus corpos com as práticas propostas em seus trabalhos, quanto sobre as reverberações causadas no público que as/os assiste, voluntariamente ou não. Nestas sessões, a pesquisadora dá ênfase ao caráter político que as intervenções artísticas criadas por performers possuem, pois, ao deflagrar questões de violência de diferentes ordens, a Performance instaura fissuras no corpo social e cria a possibilidade de transformação do mundo.

Na sequência, Diana Taylor reserva o capítulo “Performativo e Performatividade” para apresentar algumas diferenças importantes entre os conceitos que estão associados ao guarda-chuva dos estudos da Performance, como: Performativo, Performático, Performatividade e Animativos.

De acordo com a revisão feita pela autora, a ontologia do conceito de Performativo está nos estudos do linguista John Austin sobre a linguagem como propositora de ações e que se desdobram na pesquisa do filósofo Jacques Derrida,



que alertará para a necessidade de se reconhecer as convenções que, de fato, transformam a linguagem em ação. Tendo em vista a especificidade linguística, Taylor afirma que a palavra “Performativo” não deve ser utilizada como adjetivo de performance(s) e que, havendo a necessidade de atribuir uma qualidade a ela(s), o termo mais cabível seria Performático”.

Seguindo essa esteira de pensamento, o próximo conceito retomado pela pesquisadora diz respeito à Performatividade, cuja origem estará intimamente associada aos estudos da filósofa Judith Butler, que deslocam as contribuições feitas por Austin e Derrida para analisar as prerrogativas de identidade de gênero. Em outras palavras, a Performatividade em Butler discorrerá sobre os efeitos que os discursos produzem sobre os nossos corpos, principalmente na constituição de nossas identidades.

A finalização deste capítulo apresenta o conceito desenvolvido pela própria autora, isto é, “Animativos”. Taylor propõe que os Animativos são “[...] a resposta inapropriada para um enunciado performativo” (2023, p. 121), ou seja, a resposta política que nossos corpos dão para toda e qualquer tentativa de dominação. Trata-se do caráter revolucionário da Performance.

Esta concepção é complexificada em “Conhecer através da Performance: cenários e simulações”, momento em a pesquisadora defenderá que a Performance como ação implica, em alguma medida, o experimentar pelo corpo e que este pressuposto rompe com as lógicas de dominação que recaem sobre nós: eis aqui o viés político da Performance.

Em “Artivistas (Artistas-Ativistas) ou o que fazer?”, Taylor reúne quatro exemplos – *H.I.J.O.S* das mães da Praça de Maio, as performances de Regina José Galindo, os vídeos criados pelo coletivo Fulana e as ações digitais dos *Yes Men* – que irão destrinchar as aproximações entre arte e ativismo e os desdobramentos políticos que ações coletivas ou individuais, presenciais ou mediadas pela internet, podem ter nos processos de denúncia de questões sociais.

Por fim, a autora retomará em “O(s) Futuros da Performance e em Estudos de Performance” o conceito de Arquivo e Repertório, desenvolvido por ela em obras anteriores, para pensar as possibilidades e os desafios de construir uma



epistemologia que dê conta de se consolidar como estudo (arquivo), sem sucumbir às experiências que se dão no/do/a partir do corpo (repertório). Para Taylor, os estudos da Performance são, portanto, pós-disciplinares, uma vez que a própria área implica em um constante (re)fazer.

Ao longo do livro, torna-se evidente que Diana Taylor está comprometida com a articulação entre Arte e Política para pensar a Performance, mas e a Educação?

Embora não seja o principal campo de análise da pesquisadora, diversas passagens da obra reiteram que a Performance é um saber, um conhecer e um experimentar o mundo pelo próprio corpo, entendido de maneira multidimensional. Contudo, é possível discordar de Taylor quando ela pensa a Performance como uma forma de “[...] *transmitir* conhecimento por meio do corpo” (2023, p. 54, destaque meu).

Como pesquisador da área da Educação, interessado nos diálogos entre Arte e Performance em situações de criação-ensino-aprendizagem, distancio-me de uma perspectiva que implica uma epistemologia em um processo de *transmissão* de saber. Ancoro-me em Paulo Freire e sua denúncia feita em *A Pedagogia da Autonomia* (1996) sobre aquilo que o autor chamará de “Educação Bancária”, isto é, uma educação pautada na transmissão de saberes de um agente detentor do conhecimento (professor, mas que, na perspectiva de Taylor, poderia ser o performer) para outro tábula rasa (estudante, que, em Taylor, poderia ser toda e qualquer pessoa afetada pela ação performática). Deste modo, Freire alerta que esse tipo de Educação, que sucumbe o diálogo, está fadada a alienar nossos corpos.

Trago esta reflexão, pois, me parece que o uso da palavra “transmissão” associada aos estudos da Performance, embora enrede uma via única nos processos de criação-ensino-aprendizagem aplicadas a essa área do conhecimento, também reforça uma visão colonialista, imperialista e patriarcal, formas de dominação que são constantemente denunciadas pela própria Taylor ao longo de *Performance*.

Assim, retomo o título desta resenha: a quem interessa pensar a Performance? Ora, fica evidente que Taylor direciona sua obra para artistas,



pesquisadores e entusiastas do assunto que desejam compreender os mundos criados pela Performance. Vou adiante e digo mais: frente à insuficiência deste mundo em que vivemos em abarcar a diversidade que o compõe, interessa não somente pensar, mas vivenciar a Performance, todas/es/os nós que micro ou macroscopicamente estamos interessadas/es/os na construção de projetos de sociedade mais justos e inclusivos, seja por meio da Arte, da Política, da Educação ou dos infinitos afluentes desse *flume*.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Recebido em: 29/07/2024

Aprovado em: 11/08/2024